

**CULTURA POPULAR NO RÁDIO: a cidade de Sobral (CE) no
“Sábado de todas as maneiras”¹**

**POPULAR CULTURE ON RADIO: the city of Sobral (CE, Brazil) in
“Saturday in every way”**

Claudiene dos Santos COSTA²

Bruna Franco Castelo Branco CARVALHO³

Maria Érica de Oliveira LIMA⁴

Resumo: Abordamos como o programa de rádio “Sábado de todas as maneiras”, veiculado há 22 anos em Sobral, Ceará, Brasil, expõe em seus quadros a cultura popular da região, contando com humor fatos, costumes e memórias sobralenses. Com análise de conteúdo (Bardin, 2011) dos quadros fixos do programa, vemos a cidade mostrada a partir de uma folkmidia (Beltrão, 1971). O humor é utilizado pelo radialista Tupinambá Marques como genuíno da “cultura moleque cearense” (Silva Neto, 2009), considerando ainda a sobralidade (Freitas, 2005) e uma memória coletiva (Halbwachs, 2006).

Palavras-Chave: Folkmidia. Rádio. Humor.

1. Introdução

O programa de rádio “Sábado de todas as maneiras” está no ar desde 1997, com conteúdo de histórias reais contadas com humor sobre a cidade de Sobral (CE), na zona norte do estado da Ceará, na região Nordeste do Brasil. Seu conteúdo mostra hábitos, fatos e moradores, configurando-se como uma vitrine da cultura popular e memória local, em quadros com características definidas, onde são destacados aspectos como comportamento, política, crítica e piadas sobre o modo de ser sobralense.

Vemos este objeto composto por narrativas de diversos atores que não são apenas de seu apresentador, Tupinambá Marques, de 59 anos de idade. O humorista conhecido como Babá aposta no humor característico do estado do Ceará como formato do seu programa, e esta

¹ Trabalho apresentado à DTI 13 – Folkcomunicação do XVI Congresso IBERCOM, Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 27-29 de novembro de 2019.

² Discente do Doutorado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, mestre, e-mail: claudienecosta@gmail.com

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará, e-mail: brunafranco19@gmail.com

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, doutora, e-mail: merical@uol.com.br

manifestação de cultura popular explora os aspectos da linguagem radiofônica, como alta penetração, mobilidade, instantaneidade e sensorialidade.

Utilizamos a análise de conteúdo (Bardin, 2011) de entrevista realizada com Tupinambá Marques em março de 2018, em que ele descreve características e motivações dos 15 quadros fixos do programa, observadas também na escuta de transmissões pelo rádio desde o ano de 2016.

2. A cidade desfila no rádio

Sobral (CE) surgiu como vila em 1773, e possui 206 mil habitantes (IBGE, 2018). É considerada a cidade mais desenvolvida da zona norte do Ceará, com seus cartões-postais de igrejas e casas tombadas, em 1999, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O uso de sua rede de ensino, saúde e assistência por cerca de 50 municípios faz de Sobral um polo para a região norte do Ceará, o que a faz conhecida como Princesa do Norte.

Como desenvolvido por Freitas (2000, p. 30), Sobral contou em sua história com um modelo de reconhecimento social associado a um forte sentimento de pertencimento. Isso impulsionou uma “marca distintiva”, um rótulo para uma cidade, que se estende a formas de apresentar a cidade através de políticas públicas direcionadas para o turismo, eventos, entretenimento, desporto e cultura.

Assim, a cidade é conhecida por sua “opulência e tradição”, com uma identidade ressaltada pela elite local que se envaidece da “memória do triunfo e riqueza do passado” (FREITAS, 2000, p. 30). O termo “sobralidade” resalta a importância desta cidade e sua história a partir da construção de uma identidade de pertencimento e reconhecimento dos sobralenses como pessoas de relevante importância, que tem consigo o símbolo de nobreza. A “sobralidade” seria a própria essência ou natureza íntima da existência na cidade, aquilo que faz com que o “sobralense” seja o que é na sua natureza. Sua significação seria distintiva e supostamente definitiva.

Acrescentamos o fato do criador e apresentador do “Sábado de todas as maneiras”, Tupinambá Marques, ocupar um ponto comercial há cerca de 30 anos no Becco do Cotovelo, no centro de Sobral, onde realiza gravação manual em objetos metálicos, como placas e alianças. Radialista profissional, após estudos cursados na cidade, ele obtém renda com a venda

de espaços publicitários no rádio, mas mantém o trabalho naquele espaço e é conhecido por muitos como “Babá do Becco”.

Frequentar a movimentada viela, no corredor cultural do patrimônio histórico de Sobral, é uma oportunidade de ouvir histórias de conhecidos e transeuntes que preenchem não apenas o imaginário da cidade, mas a cada tarde de sábado vão povoar também o programa. Por isso pautamos também o conceito de memória coletiva de Halbwachs (2006). Para o autor, ela é composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo, e mais do que em datas, a memória coletiva se baseia em imagens e paisagens.

Ao se focar em um repertório de histórias e personagens municipais, o humorista Babá Marques recorre a uma memória socialmente difundida, que é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de um grupo em sua (re)construção de si (POLLAK, 1992, p.5). Seu baú de casos se apoia em uma “memória coletiva suportada por conjunto de pessoas que se lembram como membros de um grupo ou de uma sociedade” (HALBWACHS, 2006).

Babá Marques conta, no rádio, histórias da cidade que podem gerar identificação com o público, em uma dinâmica de compartilhar significados, reconhecer-se, sentir-se numa comunidade. No caminho destas considerações de memória coletiva, lembramos que Câmara Cascudo (1961) considerou a Cultura Popular o saldo da sabedoria oral na memória coletiva. “Difícil fixar as distinções específicas porque ambas exigem a retenção memorial, atendem a experiência, têm bases universais e há um instinto de conservação para manter o patrimônio sem modificações sensíveis, uma vez assimilado” (Cascudo apud MARQUES DE MELO e FERNANDES (orgs.), 2013, p. 250). Para ele, o implemento sentimental é o que torna uma estória, um conto popular ou um provérbio um centro de interesse psicológico.

2. Folkmídia: a cultura popular na comunicação de massa

Situamos o “Sábado de todas as maneiras” como um exemplo de folkmídia (Beltrão, 1971). Temos aí o uso, por parte de veículos massivos, de elementos populares para a emissão de suas mensagens. As pesquisas da folkcomunicação envolvem a comunicação entre culturas, ou seja, a presença de traços da cultura de massas absorvidos pelas culturas populares, que, por sua vez, não podem ser analisadas de forma desvinculada da cultura da sociedade em que ela

está inserida, como destaca Mesquita Nascimento (2000). Entendemos folkcomunicação como o “processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas)” (MARQUES DE MELO e FERNANDES (orgs.), 2013).

O termo folkmídia surgiu em 1972, em Londres, com a finalidade de discutir o uso integrado de *Folk media* e *mass media*, em campanhas de planejamento familiar e de *folk media* nos programas de educação de formação de extensionistas. O uso do termo voltou a ser discutido em 1974, na Índia, dessa vez, de maneira ampla, na implementação de programas de desenvolvimento social, integrando-se ou não aos meios de comunicação de massa elementos da cultura popular para obter o impacto desejado (MACIEL e DA SILVA, 2013).

Uma característica popular no estado do Ceará, e que é a base do “Sábado de todas as maneiras”, é o formato humorístico. Este aspecto é bastante explorado pelo turismo estadual, em peças publicitárias que se iniciam na recepção do aeroporto na capital, Fortaleza, seguem em roteiros de eventos para turistas com humoristas cearenses, e cresce a cada leva de artistas do Ceará que atua em *shows* e programas televisivos nacionais como Chico Anysio, Renato Aragão, Tom Cavalcante, Tiririca e outros.

A exata expressão “Ceará moleque” começa a aparecer em obras literárias no final do século XIX, sendo posta em circulação inicialmente entre os letrados, como uma opção que valoriza o popular e que tem ligação na história das artes e produção cultural do país com as correntes pré-modernistas e modernistas que enxergaram no “povão”, na população mais empobrecida, o cerne ou a essência da nação. O “humor moleque” vem identificando tanto as práticas não civilizadas do populacho como as ações curiosas e anedóticas da vida de intelectuais ilustres e cheios de molecagens – gente civilizada e moleque, ao mesmo tempo.

Sobre essa divisão de culturas entre de elite e popular, Luiz Beltrão (1971) destacou a questão da mídia ancorar-se nos valores da cultura elitista, o que dificulta a decodificação dessas mensagens por parte de grande parcela da população. Assim surgiram veículos alternativos para estabelecer sua comunicação. “Hoje, evidencia-se, no Brasil, a emergência de uma corrente oposta, em que veículos massivos utilizam elementos populares para a emissão de suas mensagens; a esse fenômeno dá-se o nome de folkmídia” (FERNANDES, 2011).

Quanto ao riso, Câmara Cascudo lembra que o riso foi condenado por todos os reformadores religiosos. Foi afastado dos preceitos de boa educação, sabedoria, recato ou alto padrão de comportamento, desde Jesus Cristo até santos e beatos. “Verificar-se-á que a

comicidade, como expressão no comportamento humano e tema literário, mereceu sempre limites religiosos e sociais para contê-la e reduzi-la” (Cascudo apud MARQUES DE MELO e FERNANDES (orgs.), 2013, p. 255). Assim, um conto humorístico, quando se permite e até incentiva o risos entre nativos, é visível constatação de contemporaneidade, atualização, acultramento modificador da velha mentalidade inicial.

Já sobre o meio rádio, as peculiaridades como o imediatismo e a mobilidade da informação radiofônica (Ortriwano, 1985). Para a autora, o rádio é o mais privilegiado dos meios de comunicação de massa pelas suas características intrínsecas, que são: a linguagem oral, a penetração, a mobilidade, o baixo custo, o imediatismo, a instantaneidade, a sensorialidade e a autonomia. Ferraretto (2011) cita, entre os elementos da linguagem radiofônica, a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, isolados ou combinados entre si. Além disso, a linguagem no rádio não está restrita à oralidade, mas é fruto de uma interação modificadora entre a palavra falada, a música, o silêncio, os ruídos e os efeitos especiais (Prado apud Sales Pimentel, 2017).

O rádio, então, favorece a presença do humor por combinar bem com os elementos que compõem a estrutura da linguagem radiofônica: linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia, e ainda a mensagem sonora composta pela palavra, música, ruído ou efeito sonoro (MARTINS e SILVA, 2009, p. 308).

É neste meio que Babá interpreta os diversos personagens que vão ao ar contando as histórias da cidade, aproveitando-se do imediatismo para inserir assuntos da semana e ouvintes que pedem para participar dos causos contados, deixando mensagens pelo telefone no estúdio ou em suas redes sociais (quase 5 mil amigos no Facebook e mais de 3 mil seguidores no Instagram).

4. “Sábado de todas as maneiras” quadro a quadro

Na análise de conteúdo, as técnicas de análise das comunicações, na análise de conteúdo, visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. Espera-se representar cada quadro por uma palavra, frase ou resumo.

Cada edição do “Sábado de todas as maneiras” ocupa cerca de duas horas e meia, a partir das 16h de sábado. Até novembro de 2018, foi transmitido pela FM Paraíso 101.1. A partir de dezembro de 2018, Babá passou a veicular o programa pela Tupinambá FM 100,3. O objeto de pesquisa possui cerca de quinze quadros fixos. “O programa em si retrata a realidade do que nós fazemos no nosso dia a dia. Retrata a vida corriqueira das pessoas. (...) É uma realidade que eu faço, que você faz, que muita gente faz na rua” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018). Entre diversas vozes e personagens que Babá interpreta (ele conta que são mais de cem), os quadros têm a apresentação capitaneada ora por Fabíola, ora por Bartolomeu.

Mesmo quando os ouvintes escrevem ou falam pessoalmente se dirigindo ao Babá, eles se referem à dupla na terceira pessoa, e assim o radialista corresponde ao chamado, mudando imediatamente a voz, e se apresentando em *shows* como as personagens, com vestimenta e maneirismos definidos. “A Fabíola (...) o perfil dela é crítica. São críticas, são realidades. Aquilo que nós fazemos no dia a dia. Retrata muito a cara do programa. E assim também é o Bartolomeu. Ele é um personagem crítico, porém verdadeiro, sem apelação, e assim são esses dois que mais se destacam no programa” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Enquanto Fabíola veste roupas extravagantes, com predominância do vermelho na peruca e na maquiagem, muitos acessórios e tem fala debochada, Bartolomeu tem a voz rouca e modo de se expressar coloquial, com cabelo grisalho e visual brega. “Agora não, estão vendo no Face como é feito, mas no começo, há uns 20 anos, recebia cartas naqueles papeis de fax, muito grande, com beijo pra todo mundo, menos pra mim. (...) A intenção que eu dou é pra pensar que é outra pessoa, mesmo, que tá comigo, que a voz é totalmente diferente do meu timbre de voz (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

4.1 Quadros fixos do programa

O “Sábado de todas as maneiras” tem seu conteúdo intercalado entre locuções ao vivo feitas por Babá Marques, quando há interpretação de personagens e participação de ouvintes, e quadros gravados em estúdio. O apresentador mantém a rotina há 22 anos de gravar em um dia da semana no B.B. Stúdio em Sobral. O ciclo de produção do programa não para. “Já começo a fazer o programa do outro sábado no domingo de manhã. Escrevo segunda, terça, quarta vou pro Beto (Brandão) gravar” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Permeado por vinhetas instrumentais, que lembram um dinamismo lúdico do rádio

antigo, os quadros vão se desencadeando junto a inúmeras vozes feitas por Babá ao vivo ou em gravações, que no momento da veiculação do programa são orquestradas pelo operador de som Ivo Aragão. O locutor exalta bastante a sintonia com o único presente no estúdio, responsável por veicular mais de mil arquivos de som para dinamizar o programa. Ivo Aragão atua também como operador de som em outros programas de rádio e emissoras, com mais de 20 anos de experiência. Começou a parceria com Babá por volta do segundo ano do “Sábado de todas as maneiras”.

No “Signo”, Fabíola lê ao vivo instruções para os ouvintes melhorarem seus comportamentos em situações diversas do cotidiano. Os assuntos variam sem ter ligação com as casas do zodíaco, mas aproveita-se para citar nomes de conhecidos. “Eu trabalho em cima da nossa realidade. (...) E eu vejo mais ou menos o que elas fazem no dia-a-dia e nisso eu vou escrevendo, criando, em cima do humor, claro” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Outra apresentação de Fabíola é no quadro “Dicas pra você, mulher, não perder o seu homem”, e no “Dicas pra você, homem, não perder a mulher que você gosta dela”, e seguem um estilo parecido com o anterior, onde Fabíola sugere mudanças nos hábitos das pessoas, soando eles como verdadeiros ou não. A personagem feminina encabeça também a “Previsão do tempo”. De forma fictícia, vão sendo sentenciadas previsões climáticas para as redondezas, o que leva ao riso pela imprevisibilidade deles ocorrerem na vida real.

A gente diz que tá vindo uma frente fria de Irauçuba no rumo de Sobral. Irauçuba é conhecida como terra muito quente (risos), e dificilmente chove por lá. Mas chove, é uma lenda isso. Então a gente brinca muito com Teresina também. É com a Fabíola mas a gente mesclou, colocou a Maju (apresentadora da “Previsão do Tempo” no Jornal Nacional, Maria Júlia Coutinho) meio também, agora, pra brincar. A gente coloca pra falar com a Maju... “Vai falar agora com a Maju”, aí... “Alô, é a Fabíola”... Então é a Fabíola quem dá as cartas. (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Passando para os quadros apresentados pelo Bartolomeu, temos “Ô bicho besta é gente”. Babá o define como retrato da realidade dos momentos de fraqueza do ser humano, e expressa aqui um julgamento do que ele considera atitudes sem importância, mas que são valorizadas por outras pessoas. “Por exemplo: tirar *selfie* com político, aí bota a vinheta ‘Ô bicho besta é gente!’. (...) se amostrar com roupa nova... comprar um carro novo e deixar os plásticos nos bancos... Então tudo isso aí é coisa que a gente cria pro ‘Ô bicho besta é gente’” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018). São de dez a doze situações narradas neste quadro, todo sábado.

A vinheta “É o novo!” anuncia o desfilar de coisas antigas, palavras, ditados, brincadeiras, lugares. “É muito amplo esse quadro, porque pode ser uma roupa antiga... por exemplo calça S-top, boca de sino... Aí a gente bota “É o novo!”. Aí bota loja de Sobral antiga, bota o nome de novelas antigas, os programas de rádio antigos... e tudo isso abrange”, conta Babá. Bartolomeu narra também os quadros “Avisos” e “Serviço de Inutilidade Pública”. Neste último, narra-se a perda de objetos que, na verdade, não se usa mais. “A gente bota que a pessoa perdeu uma sacola contendo umas coisas antigas, tipo um pente redondo de bolso... uma caixinha de naftalina... (...) Se usava muito isso antigamente no rádio, e é um resgate desses avisos, só que na base do humor” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Os três últimos quadros se pautam por uma valoração entre antigo e moderno. Este par, ou esta disputa velho/novo, está ligado à história do Ocidente, embora se possa encontrar equivalentes noutras civilizações e noutras historiografias, diz Le Goff (1982). Na segunda metade do século XX, generaliza-se, principalmente no Terceiro Mundo, graças à ideia de “modernização”, nascida no contato com o Ocidente. Os dois termos nem sempre se opuseram um ao outro: “antigo” pode ser substituído por “tradicional” e “moderno” por “recente” ou “novo”. Cada conceito foi acompanhado por conotações laudatórias, pejorativas ou neutras. “Moderno” atravessa a Idade Média com o sentido de “recente”, e “antigo” como “pertencente ao passado”, mais precisamente, à época da história a que o Ocidente, desde o século XVI, chama “Antiguidade”. Situam aí a época anterior ao triunfo do cristianismo no mundo greco-romano, à grande regressão demográfica, econômica e cultural da Alta Idade Média, marcada pela crise da escravatura e por uma intensa ruralização.

Quando, a partir do século XVI, a historiografia dominante no Ocidente, a dos eruditos, seguida da dos universitários, subdivide a história em três épocas – antiga, medieval e moderna –, cada um dos adjetivos remete geralmente para um período cronológico e o termo “moderno” opõe-se mais a “medieval” do que a “antigo”. Finalmente, esta grelha de leitura do passado nem sempre corresponde ao que os homens do passado pensavam (LE GOFF, 1982, p. 141-142).

No “Me engana que eu gosto”, Babá conta que cita ditados que são facilmente contestados, e que se tratam de críticas à cidade. Por exemplo: “Dizem que vereadores dormem e acordam pensando no povo. Me engana que eu gosto!”. A política é um assunto comumente criticado por Babá, sem citar partidos e deixando explícito que não pretende concorrer a um cargo eletivo. Para isso, ele tem um personagem específico: o deputado Alfonção, que realiza

almoços fictícios na casa de pessoas reais, possui vinhetas e adesivos.

Ele satiriza a política. Eu tento mostrar através do meu personagem, o Alфонção, que é um deputado federal vitalício, que não sai nunca... Ele mostrando as falcatruas que existem na política brasileira. A gente vive aí num mar de corrupções, e o Alфонção se adapta muito bem a isso. Ele mostra pras pessoas como é que funciona a política nos bastidores. Então é o quadro que retrata a realidade da política brasileira com muita crítica e verdades (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

A sátira também chega aos líderes religiosos que manipulam pessoas em troca de dinheiro. O pastor de nome Malaquias critica “essa coisa de vender fé. No começo fui até criticado por algumas igrejas mas eu não arredei pé. Tive que continuar porque não tinha nome de igreja. É uma sátira gostosa, que as pessoas pedem também pra entrar nesse quadro, e isso me deixa muito feliz”, conta Babá.

A personagem Fabíola foi personificada em duas ocasiões no último ano, quando Babá foi homenageado pelo Colégio Sant'Anna e Colégio Santo Antônio. “Você ver uma criança vestida como a sua personagem, uma criança de 8,10 anos de idade... aquilo ali não tem dinheiro que pague. Eu chorei, me emocionei”, contou. Nas quadras dos respectivos colégios, duas meninas se vestiram com as roupas e acessórios característicos de Fabíola, e estudantes e dirigentes apresentaram criações de Babá como homenagem ao trabalho dele. “Você ver uma criança vestida com a sua personagem, com a peruca... e querendo falar como a Fabíola... é muito gratificante isso, muito gostoso. Isso aí pra mim foi um momento que eu jamais esquecerei” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Há um quadro peculiar, com aparição espontânea no programa. “Quem você joga no Rio Acaraú” surgiu quando o radialista passou a perguntar no ar quem os ouvintes gostariam de jogar no rio. “Aí ligava muita gente! 'Joga minha mãe... joga meu namorado... joga meu filho que não quer tomar banho', conta Babá, que o define como 'um protesto branco'. Todos podem ser citados o operador de som, o prefeito da cidade, um deputado. É um improviso que pode ocorrer a qualquer momento do roteiro do programa, bastando ser solicitado por um ouvinte. “Eu acho engraçado porque a pessoa joga mãe, joga filho, joga irmã, namorado, marido. (...) Pediu pra jogar, a gente joga!” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

Assim como uma característica comum no Nordeste, o rio teve fator agregador de agrupamentos que deram origem às cidades, assim como ocorreu no século XVIII com o povoado que daria origem a Sobral. Lá ele possui, atualmente, duas pontes, um grande projeto arquitetônico de urbanização de sua margem esquerda, nomeia a universidade nascida e sediada

em Sobral, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), e um dito popular diz que quem bebe de sua água sempre volta.

"Olha, quero mandar boa-noite pra Fatinha, o Jadson, a família toda. (Começa a ler mensagem pelo celular) "Olá, meu querido. Segunda-feira é o aniversário do nosso primo Marcelo, 17 anos. Cante parabéns pra ele e jogue o Marquinhos no rio. Beijos. Amamos muito você". Será que dá? Dá, sim. Vamo lá! (Gravação com voz masculina: Vou nada! Tô com medo disso aqui. Oh, meu Deus.) Vai, vai, vai, sim. Vai pro rio. Vai. Um... Vai, sacode!" (Gravação com voz masculina simula um grito que aos poucos some como se tivesse pulando no rio e uma onomatopeia de flatulência e por fim "tchibum!") (Trecho do "Sábado de todas as maneiras" veiculado em 23 de julho de 2016, e disponível no YouTube).

O Rio Acaraú, ainda que tenha recebido um projeto arquitetônico de urbanização da margem esquerda que o transformou em mais um cartão-postal, com biblioteca, museu, campo, anfiteatro e área de lazer, ainda vive com secas e cheias. Era conhecido como um rio seco, até ser perenizado em 1958 por conta da construção do Açude Araras na cidade de Varjota a 86 quilômetros de Sobral (MELO, 2001, p. 30).

Os períodos de cheia possibilitam renda para canoieiros que faziam a travessia de pessoas e material entre as margens que contém bairros de Sobral. Mesmo nos tempos mais primórdios, era a rodagem das águas, a estrada fluvial em uma região sem estradas, moldada pelas variações e o ciclo do rio. Os anos com final 4 passaram a ser temidos pelas grandes inundações de 1924, 1974 e 2004, tendo esta última atingido a área recém-urbanizada. O mesmo se repetiu em 2009. O rio possui duas pontes, a Oto de Alencar (1932) e a Dr. José Euclides (2000), além de suas próprias lendas. A subida do rio preocupava não apenas as populações ribeirinhas atingidas pelas inundações, mas eu me incluo entre os que se desesperavam com uma lenda de que "a Praça da Sé já foi uma cama de baleia" e pode voltar a ser com o transbordo dos afluentes. A Igreja Matriz fica a poucos metros do leito do Rio Acaraú.

No século XVII, conta Venâncio (2009, p. 51), os rios Jaguaribe e Acaraú eram os mais importantes do território cearense e deles se originaram as principais cidades do seu sertão à época: Sobral, Icó e Aracati. O rio era ao mesmo tempo mesa e estrada, onde se instalavam as oficinas de charqueadas e feitorias que faziam girar a economia colonial, além das estradas que seguiam ao largo de sua ribeira.

O Rio Acaraú corta 27 municípios e possui um percurso total de 370 quilômetros, até o rio encontrar o mar pela cidade de Acaraú. Tem como afluentes na margem direita os rios

Jurucutu, Madeira, Macacos, Jatobá, Groaíras; e na margem esquerda: os riachos Mucambinho e Mata Fresca e o Rio Jaibaras. Suas três nascentes encontram-se na Serra das Matas entre os municípios de Monsenhor Tabosa e Tamboril, e sua bacia hidrográfica tem uma área aproximada de 14.500 quilômetros quadrados (VENÂNCIO, 2009, p. 55).

O apresentador insiste que a intenção de “Quem você joga no Rio Acaraú” é brincar com as pessoas, e que é um quadro muito pedido. Seja por mensagens nas redes sociais de Babá ou por telefone, logo que ele vê o pedido, o operador de som Ivo Aragão inicia a vinheta que traz um personagem masculino ou feminino (há duas versões) conversando com a Fabíola que o locutor rapidamente passa a interpretar.

“A gente tá sempre inovando. Também já fiz muitas novelas, imitando as novelas da televisão. Eu tirava o ator principal ou atriz e colocava o Bartolomeu ou a Fabíola contracenando com um deles lá”, afirma Babá. Essa forma de acrescentar elementos sobralenses em folhetins e o próprio uso do humor são relatados por Babá como primordial na concepção do programa. “É importante demais. Tudo o que eu vejo, eu vejo sempre uma coisa do lado humorístico no meio. (...) Humor tá na veia já”, conta. Os dois próximos quadros compõem o *corpus* específico de análise deste trabalho: “Curiando a vida dos famosos e quase famosos” e “O que Sobral tem de ‘marromeno’”.

Na primeira metade do programa “Sábado de todas as maneiras”, Babá Marques interpreta, na voz da personagem Fabíola, o quadro “Curiando a vida dos famosos e quase famosos”. Ele lê ao vivo o que escreveu em casa durante a semana, narrando ocorridos verídicos, fictícios, ou baseados em fatos reais, mas adaptados a fim de gerar comicidade. As pessoas citadas são seus ouvintes assíduos, percebidos em edições anteriores do programa que acompanhamos, e encontrados também nas mensagens deixadas nas páginas que o radialista mantém no Facebook e Instagram. Os lugares são reais, na cidade de Sobral e seus distritos⁵, e a voz feminina de Fabíola interage com vinhetas nas quais Babá interpreta personagens diversas. Por ser lido ao vivo do estúdio, permite que ele interaja com a única pessoa presente no estúdio de rádio, o operador de som Ivo Aragão. Marques contou que o quadro teve como mote programas de rádio e TV que falam da vida pessoal de pessoas famosas.

Falam muito da vida dos artistas lá do Rio de Janeiro, da Globo, televisão e tal... e

⁵ Em divisão territorial datada de 1993 o município é constituído de 11 distritos: Sobral, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Rafael Arruda, Patriarca, São José do Torto e Taperuaba. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/historico> Acesso em 01dezembro2018.

aquilo ali não interessa pra gente, sabe? Então o que foi eu fiz: eu botei o nome de pessoas que existem realmente, da cidade, dizendo por exemplo: “fulano foi vista ontem tomando um caldo bem quentinho no Tónico Lanches e depois foi contar os vagões do trem passando... São coisas que a pessoa não tem nada a ver com aquilo mas a gente bota. Geralmente eu boto um brega no chique, o chique no brega. A gente bota uma pessoa que tem costume de jantar, digamos, no Cícero's Bar, no Chicão 2000 ou em outro restaurante da cidade... a gente bota que ela tava lá no Mercado tomando uma sopa... e legal... as pessoas gostam. Na hora tem uma vinheta que pergunta assim “quem é esse daí? Nunca ouvi falar”. “Rapaz, aqui é o fulano de tal!” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018)

Em um formato que pretende se assemelhar a uma coluna social, iniciando-se com o anúncio “o quadro que vai dizer sobre a vida dos famosos e quase famosos”, Babá tece uma lista de pessoas e seus feitos recentes, assim como publicações de entretenimento contam flagrantes de artistas, celebridades e figuras eminentes flagrados em lugares diversos, por vezes requintados. A ironia aqui aparece ao articular a narração pomposa de um flagra de alguém famoso com a revelação de que ocorrido teve como cenário a própria cidade, algo corriqueiro para os moradores, fora do eixo das capitais ou de locais onde circulam publicações de famosos nacionalmente. “A gente tira o nome das pessoas famosas da TV e coloca nomes de pessoas daqui da cidade, até pra prestigiar, e muitas pessoas pedem para que a gente coloque. “Ó, me bota nos famosos”. Então a gente prestigia dessa maneira” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018).

As edições do programa são encerradas por “O que Sobral tem de ‘marromeno’”. Os itens citados neste quadro remetem a lugares, hábitos, datas, festividades consolidadas na cidade, e/ou que sofreram mudanças com o tempo e são criticadas. “Lá se vem esse quadro, que fala as verdades de Sobral”, diz. O texto do quadro é narrado por Babá Marques, com gravação anterior no B.B. Stúdio, e as frases que escrevemos entre parênteses, dispostas no relato integral nos Anexos, tratam-se de vinhetas do programa, em que ele representa personagens diversas.

O narrador principal deste quadro é a personagem Bartolomeu, de voz rouca e estilo malandro e coloquial. Nos primeiros segundos, uma voz feminina faz uma rápida abertura, com um texto que se repete em todas as edições, porém variando a frequência das risadas da personagem não identificada. “O que Sobral tem de ‘marromeno’ a gente diz e amostra aqui de todas as maneiras!”. Com este texto, a voz feminina abre espaço para Bartolomeu. Após as reclamações dele, a voz feminina retoma o texto e o relê inteiro, com algumas reações contendo risos, como se fosse uma apreciadora do quadro. “Eita, que ele tá ‘peidado’ hoje! Tá

fumando uma quenga”, aprecia ela sobre o companheiro Bartolomeu, em março de 2017. “Ai, lá se vem o quadro... (risos) eu juro, eu juro... Eu quero ficar séria mas não consigo”, diz no mês de abril. “Eita, quadro ‘véi’ duro. Incomoda... diz as verdades... e acham ruim! (Risos). É só fazer as coisas direitinho” (maio de 2017).

Nêgada, não é gabando não, viu?, mas aqui tem gente que é craque em botar lixo na calçada só depois que o carro passa. (Ôh “fi” duma égua ruim!) É impressionante, rapaz. Parece assim uma coisa. É automática, sabe? Rapaz, é até gente ‘marromeno’. A gente tira pela sacola de lixo. É só sacola de mercantil. Viu? (Diabo é isso aí, rapaz?) (...) Meu povo, meu povo: pois não é que aqui tem gente que bota o lixo depois que o carro passa? Meu ‘fi’, o que é que ‘cê’ tem na sua cabeça? ‘Cê’ é normal, é? (Risos). Ôh povo ruim. (Trecho do “Sábado de todas as maneiras” de 18 de novembro de 2017)

Este momento do programa pode conter paródias, entoando críticas a algo da cidade que precisa melhorar ou recente medida que não teve aprovação popular. Uma delas é uma reclamação da grande quantidade de semáforos instalados no centro comercial em um curto espaço de tempo. Ainda hoje os semáforos permanecem em esquinas seguidas, e a reclamação de Babá foi escrita com a melodia de “Anunciação”, de Alceu Valença. “Tu vens, tu vens... Sobral, em cada esquina tem sinal (cantando). (...) Tinha muito semáforo ali que tava confundindo as pessoas”, justificou. Segundo Babá, neste quadro se conta as realidades, as falhas que acontecem na cidade. Críticas “com humor... cobrando por quê que não asfaltaram uma rua, por que tem um cano furado, por que não tem semáforo numa rua... por que tem semáforo demais também...” (MARQUES, entrevista em 19/03/2018). O objetivo é cobrar de autoridades municipais providências quanto a problemas, e segundo ele, os assuntos do quadro já tiveram resposta positiva e geraram reportagens locais e conversas de professores em sala de aula.

As descrições dos quadros e os respectivos temas resultaram no quadro a seguir, conforme proposta da análise de conteúdo.

Quadro 1. Descrição dos quadros fixos do “Sábado de todas as maneiras”

Quadro	Resumo
Signo	Fabiola relata situações diversas do cotidiano, e cumprimenta ouvintes que, de forma fictícia ou não, correspondem ao Zodíaco
Dicas pra você, mulher, não perder o seu homem”, e no “Dicas pra você, homem, não perder a mulher que	Sugestão para mudança de hábitos, conforme avaliação de Fabiola

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação
XVI Congresso IBERCOM, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 27 a 29 de novembro de 2019

você gosta dela	
Previsão do tempo	Fabiola faz rir pela imprevisibilidade de suas previsões climáticas ocorrerem na vida real
Ô bicho besta é gente	Bartolomeu critica a valorização de situações, por parte dos moradores, que a seu ver não tem importância
É o novo!; Avisos; Serviço de Inutilidade Pública	Palavras, ditados, brincadeiras e lugares de Sobral que não existem mais ou caíram em desuso são anunciados por Bartolomeu
Me engana que eu gosto	Ditados populares que são facilmente contestados, e que se tratam de críticas à cidade.
Deputado Alfonção	Eventos fictícios em residências de ouvintes, como almoço e comício, para criticar hábitos da política brasileira
Pastor Malaquias	Sátira de líderes religiosos que manipulam pessoas em troca de dinheiro
Quem você joga no Rio Acaraú	Homenagem ao Rio Acaraú e brincadeira com quem os ouvintes pedirem para ser jogado lá
Curiando a vida dos famosos e quase famosos	Coluna social que faz rir pelo contraste entre fatos corriqueiros vividos pelos moradores e o extraordinário relatado por Fabiola
O que Sobral tem de ‘marromeno’	Críticas à cidade, envolvendo comportamento dos sobralenses, Administração Pública, hábitos e eventos

Fonte: Elaboração própria

Considerações finais

Constatamos que o conteúdo levado ao rádio pelo “Sábado de todas as maneiras” apresenta uma memória coletiva, com narrativas de atores múltiplos, entre ouvintes, o radialista Tupinambá Marques e as situações que ele observa na população da cidade de Sobral (CE). Seu sucesso de público, considerando mensagens enviadas durante a apresentação ao vivo, por mensagens na Internet e por estar há 22 anos no ar se justifica por seu repertório estar pautado em memórias da cidade de Sobral, num meio de comunicação que dispensa uma educação formal para ser usufruído, o que é o caso do rádio. É uma oportunidade de se observar, num meio de comunicação de massa, a realidade da experiência vivida nas ruas de Sobral, construída individualmente pelos moradores, mas referenciada pelo que apresenta de coletividade.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

FREITAS, Nilson Almino de. **O Sabor de uma cidade**: Práticas cotidianas dos habitantes de Sobral. 2005. Dissertação (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE.

_____. **Sobral - Opulência e Tradição**. Sobral: UVA, 2000. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1994.

MACIEL, Betania e DA SILVA, Shirley. Folkcomunicação e modernidade: caminhos e perspectivas para o desenvolvimento local. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais – Facipe**, Recife, v.1 - n.2, p. 45-52, nov. 2013. Disponível em <https://periodicos.set.edu.br/index.php/facipehumanas/article/download/1199/579> (último acesso: 25/10/2019).

MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M. (orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. 1. ed. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MELO, Denis. **Cama de baleia: imaginário da população da ribeira do rio Acaraú em Sobral - Ceará**. Recife, UFPE, 2001. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

NASCIMENTO MESQUITA, Mariana. **Folkcomunicação e hibridização cultural**: interação de aportes para pensar as culturas populares. *Comunicação & Sociedade: Revista da Umesp, São Bernardo do Campo*, n. 34, p. 145-159, 2000.

PIMENTEL, Cristiane M. S. **A Educação está no ar**: a Comunicação Pública no programa Jornal da Educação da Rádio Universitária FM. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, 1992.

SILVA NETO, F. S. **A gênese da “cultura moleque cearense”**: análise sociológica da interpretação e produção culturais. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE.

_____. **O "Ceará moleque" dá um show**: da história de uma interpretação sobre o que faz ser cearense ao espetáculo de humor de Madame Mastrogilda. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE.

VENÂNCIO, Rubens. **Espaços da experiência como espaços da memória**: narrativas e imagens entre os canoeiros do Rio Acaraú. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

YOUTUBE. Sábado de todas as maneiras, 23 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sHtrQwG1FCg> (último acesso: 25/10/2019).